

A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL RECREATIVA

ANNO I—N.º 20 | Barcellos, 12 de Fevereiro de 1893 | CADA N.º 10 RS

Barcellos, 11 de fevereiro de 1893.

Escrever uma chronica sem assumpto que lhe sirva de mote, é realizar um impossivel metaphysico.

Falar da quinzena quando ella se nos recommendou, apenas, por um frio polar e por uma chuva impertinente, representa-se-nos o maior dos prodigios.

Nós podiamos, verdade seja, tomar como pretexto para longas tiradas de prosa a romaria ao milagroso S. Braz, que teve logar em Barcelinhos, no domingo precedente, fazendo-vos a descripção indomita de todas as peripecias ali occorridas; porein, achámos isso tão banal e fastidioso, que não nos atrevemos a semelhante coisa.

Falaremos do Carnaval, que está á porta. Será elle quem nos vai tirar de apuros, e nos vai dar thema para a microscopica chronica d'A Lagrima.—

Que Entrudo brilhante nós vamos ter este anno!..

Pedi ao Pai do Ceu, leitoras gentis, que fecho todas as cataractas celestes para que não venha a chuva transformar-nos as surprehendentes alegrias que nos esperam.

Imaginai quão impertinentes seriam uns aguaceiros, depois do Zé e Joãozinho terem tido tanto trabalho em arranjar flores para a batalha das ditas, que se projecta na rua Direita.

Com que cara ficaria o Julio, se tivesse de ter reclusos os seus garranos, que ha um mez estão a ração inteira para que mais gordos e nédios possam figurar na batalha?

Pedi também ao Todo Poderoso para que o Saragoçano não tenha a infeliz lembrança de nos importunar com aquel-

les chuviscos sahidos do Atlantico, que lhe são peculiares. Pedi; porque senão elle é muito capaz de, por pirraça aos do *Recreativo* e aos do *Gymnasio*, despejar sobre elles e nós, todos *potes* de que dispõe.

Oh! se o tempo o permittir, ou antes, se o Saragoçano estiver bem humorado e as cataractas do Ceu bem represadas, como nós vamos gosar!..

Descortinemos tudo quanto ha de mais bello e agradável e será muito mais o que nos prodigalizará o dos *Vinte* e a *troupe do Gymnasio*.

Não se limitará, este anno, o Entrudo unicamente á batalha das flores, não.

Teremos também uma soberba cavallhada—para a qual concorrerá, só á sua parte, o Rozendo, com 10 cavallos de pura raça—com carros vistosamente adornados, conduzindo lindas mascaras allegoricas; cavallos ricamente ajaezados, cujos cavalleiros formarão uma charranga.

Emfim, a nossa formosa villa será transformada em uma pequena Nice.

Não teremos o desprazer de analysarmos os *pierrots* pelintras, que ha annos a esta parte nos enjoavam com ditos aguardentados, sem uma recompensa elegante e fina.

Oh! *Club dos Vinte*. Oh! providencial *Gymnasio* em nome dos *di ca* nós vos saudamos.



«A Lagrima» não se publicou ha um mez. De hoje em diante exorçaremos nos para que saia nos seus dias.

A Lagrima

A MINHA MÃE

Trez annos são passados que tua alma, ó minha adorada e santa mãe, voou para o infinito e que o teu corpo se escondeu sob a negra pedra do sepulcro. Trez annos de dor, de soffrimento, de martyrio e saudade para o teu pobre filho! Sem os teus carinhos, sem o calor de teu regaço, sem o valor de teu conselho de que me serve a vida? Não tenho uma mão amiga que me enchugue as lagrimas, quem mitigue as minhas dores, quem guie meus vacillantes passos, no accidentado caminho da vida. Oh! morte rameira, infame, que crueldade a tua!.. porque não me arebatas-te com ella que tanto a amava, tanto a estremecia!

Quizeste que eu ficasse n'este mundo para chorar, para soffrer o espinho cruciante da saudade que me apunhala o coração! És cruel.....

Oh! minha santa mãe, recebe, lá na mansão dos justos a onde estás, estas violetas aljofradas pelo pranto saudoso do teu filho.

Barcellos

J. J. C.



Um melhoramento para Barcellos

De ha muito tempo está provado á evidencia que o theatro é uma grandio-

sa escola de educação. Alli, como em tela gigantesca, se pintam as personagens de uma epocha notadamente memoravel—n'elle, como que por encanto, se encontra a critica substanciosa da vida, dos modos e costumes de uma sociedade—ora nobre e fidalga como a que habita nos palacetos opulentos—ora pobre e humilde, como a que vive nos albergues obscuros e doentios... Umaz vezes lá vae o theatro buscar-nos conjunctos de belleza genial, artistica—corações de perolas, almas todas feitas de benevolencia, candura e amor!—outras lá vae elle devassar os archivos, revolver estantes, descobrir enredos, patentear chagas, defeitos e podridões.

Umaz vezes descobre-nos o horizonte roseo que devemos sitar, e o atalho para lá chegarmos—outras, pelo contrario, desenrola nos immensos infinitos sudarios de lama e materia e diz-nos ao ouvido a maneira facil de nos salvarmos d'esses antros de miseria!

E foi n'essa sabia comprehensão que um grupo de sympathicos amadores barcellenses delinearam a creação de um theatro n'aquella importantissima villa.

Voltaram costas ás difficuldades e com as puras intenções de rapazes novos e com o coração forte de noveis e vigorosos trabalhadores, levaram a cabo a obra que tão nobremente haviam iniciado.

Assim, conseguiram elles dar a Barcellos um theatrinho—coisa que já ha tanto tempo alli era desejada.

D'ora ávante Barcellos experimentará noites verdadeiramente impagaveis e os sympathicos amadores, cultivando a arte, poderão em breve ter d'ella exactos conhecimentos, affirmando mais uma vez as suas aptidões artisticas, que ora vão desabrochando.

São elles: Antonio R. Cardoso Pinto, Julio Vallongo, Thomaz d'Aquino Pereira, Augusto Soucasaux, Dellino e Manuel Esteves, Joaquim Pereira, Arnaldo

A Lagrima

e Miguel Braz, Domingos Ribeiro e Antonio Lima.

Um aperto de mão aos habitantes de Barcellos, pelas noutes que teem de passar, e um bravo aos jovens amadores pela sympathica ideia que tiveram e pelos esforços que empregaram para a criação do theatro em Barcellos!

Da «Voz do Caixeiro».

A. Vieira.



AO SOUCASAUX

Não será desacertado,
Visto ser vespera d'entrudo;
Vir fallar-te da comedia
Em que fizeste o canudo.

Despertou a gargalhada,
Correu menos mal em tudo;
Teve palmas, foi *bisada*,
A historia do canudo!

Aonde irias arranjar
Tão catita vestuario?
A capa aposto que era
Do moço do boticario

Advinho não é certo?
Responde, não fiques mudo
Desculpa o ser curioso,
Dispõe de mim para tudo.

Inhosmouqui



Galeria de homens illustres de Barcellos

XII

Zé da Mãe

Se a missão do 'padre é sublime, quando este é o verdadeiro pastor de que fallam os evangelhos, não é menos sublime a missão do servo, seu coadjutor, quando encarregado d'essa missão se encontram homens instruidos e delicados, como Barcellos se pode ufanar de possuir n'aquelle logar. Zé da Mãe é a verdadeira encarnação do *Lazaro*; de nascimento mais que humilde, pois é filho d'um sapa-teiro, arte que tambem cultivou até certo tempo; tem-se sabido elevar pelo seu tracto lhano e affavel, dois qualificativos que o teem posto á altura d'um homem de bem. Outro qualificativo, que aliaz é peculiar em Barcellos, o tem tornado conhecido e pretendido por damas da alta sociedade, pretensão que o nosso biographado tem repellido, pois não quer sujeitar-se a mulher nenhuma emquanto viver a sua velhota, a mãe, a quem elle estrema e venera como reliquia. Não é preciso confessar aqui aos leitores qual é este terceiro qualificativo de Zé da Mãe, poi que não ha pessoa que o não conheça pela sua rara formosura.

Como acima dissemos, Zé da Mãe é de nascimento humilde e, por consequente, pobre, porque, devotado ao seu mister religioso, não desejando de modo algum imitar o seu collega n'esse mister o nosso querido prior,

A Lagrima

tem recusado com uua tenacidade que o honra, todos os bens terrenos e todas as grandezas humanas. Podemos garantir ao nossos leitores que ao nosso biographado tem sido offerecidos casamentos que o collocariam na *disponibilidade*, casamentos que tem recusado; em primeiro logar, porque não se casa emquanto estiver com sua mãe, e, em segundo porque a sua vontade é casar com uma mulher de nascimento igual ao seu.

E aqui tem os leitores um homem que podendo morrer rico como um *suino*, ha de morrer pobre, a não ser que receba alguma herança do Brazil.

Bernardes



Primavera

(A MANUEL M. DE MIRANDA OLIVEIRA)

Quando fogem do monte as neves frias,
E debaixo dos pés rebentam flores
Quando do sol os raios creadores
Encher vem a todos d'alegria;

Quando por ente as arvores frondosas
Se escutam aves modulando amores;
Vens tu encher a todos de favores,
Com teus aromas doirar os nossos dias.

Barcellos

J. T.



Phrases e conceitos empregados por bons escriptores

No limiar da adolescencia os que não alardeiam um cynismo, falso e tão ridiculo como os transportes românticos do passado, calculam arithmeticamente o que pode provir-lhes em beneficios liquidados d'aquillo a que chamam *um bom casamento*.

Não attendem ás qualidades moraes, que não podem apreciar nem conhecer; quando muito, lançam no orçamento, como uma verba de certa importancia, as vantagens physicas da noiva escolhida.

.....
Pelo seu lado a *noiva*, a creança radiosa que enfeitam todas as galas e todas as flores dos vinte annos, gaba-se em confidencia ás amigas intimas, de que *já não tem illusões* e que *conhece a vida*, a vida de que ella não leu ainda sequer, a primeira pagina.

Casa porque a familia quer, casa porque encontrou; aquelle rapaz em dois bailes, porque o achou, *interessante, sympathico, muito amavel*, porque enfim é *um bom partido*, segundo diz o papá!

Otras vezes casa porque gosta d'elle, mas gosta d'elle instinctivamente, animalmente, sem o conhecer, sem saber se essa mão que aperta nas suas mãos virginaes, será sempre em todas as crises, em todas as occasiões da vida, a mão de um homem honrado.

(«Arabescos», de Vaz de Carvalho).



Em familia.

—O menino não tem vergonha... está sempre com os dedos metidos no nariz!

—Bébé. formalisado:—então onde quer que os metta?... *etc.*